

NOTAS ACERCA DO VIRTUAL

Celso Candido

A fim de tornar mais claro o conceito de *virtual*, pressuposto neste trabalho, vai-se abordar este problema a partir de uma leitura de Pierre Lévy e Gilles Deleuze. Muito da confusão que se faz hoje com a idéia de virtual tem a ver com uma certa noção do “fantástico” que a grande mídia teria vendido, devido ao seu natural interesse pelo “sensacional”. Na verdade, como se verá, virtual e real não são necessariamente antagônicos. Ao contrário, o virtual é uma dimensão efetiva do real.

1. Para Pierre Lévy, existe um movimento universal em direção ao virtual que afeta amplos segmentos e diferentes aspectos sociais e existenciais. Esse movimento vai além da informatização. A virtualização é mesmo um processo que percorre, desde sempre, a condição humana; contratos, estados, corpos, leis, línguas, estradas, meios de comunicação e transporte, formas outras de um grande movimento de virtualização do mundo humano. O virtual é um “não-presencial” *presente, existente*; ele produz efeitos. O virtual não é uma não-realidade. Não se define em oposição àquilo que é real. Antes, ele se opõe ao atual, à atualização. Na verdade, o virtual é co-pertencente ao real.⁽¹⁾

O virtual tem pouco a ver com o irreal, pois ele é “...um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata”.⁽²⁾ Trata-se, então, de evitar um fácil engano, opor o real ao virtual. O virtual é um acontecimento na ordem dos incorporais; ele é força produtiva, efetiva, é real na sua dinâmica e dimensão própria.

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência, e não, em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser, diferentes.⁽³⁾

Por outro lado, segundo Lévy, deve-se evitar também a natural tentação de confundi-lo com o possível. “Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer e que chama um processo de resolução: a atualização.” A atualização é a resolução de um problema, este sim, virtual. “A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades.”⁽⁴⁾ Aqui, ainda é preciso reconhecer uma importante diferença entre realização e atualização. A realização é uma “ocorrência de um estado pré-definido”, enquanto a atualização é uma “invenção de uma solução exigida por um complexo problemático”.

A virtualização, então, é dinâmica, e não, um modo de ser simples. Ela *“pode ser definida como o movimento inverso da atualização. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma ‘elevação à potência’ da entidade considerada”*.⁽⁵⁾

Não sendo “uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis)”, a virtualização, seja a de um objeto, uma instituição ou um conceito, consiste, para Pierre Lévy em uma mutação essencial:

...um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mudar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade partida como resposta a uma questão particular.⁽⁶⁾

Assim, do ponto de vista do virtual, as instituições ou organizações empresariais têm suas noções de espaço e tempo desterritorializadas e

problematizadas. Aí, diz Lévy, muda o “centro de gravidade da organização”; esta “...não é mais um conjunto de departamentos, de postos de trabalho e de livros de ponto, mas um processo de coordenação que redistribui sempre diferentemente as coordenadas espaço-temporais da coletividade de trabalho e de cada um de seus membros em função de diversas exigências”.⁽⁷⁾

A virtualização é uma *problematização* de um certo atual. Segundo Lévy, “a atualização ia de um problema a uma solução. A virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema. (...) Ela implica a mesma quantidade de irreversibilidade em seus efeitos, de indeterminação em seu processo e de invenção em seu esforço quanto à atualização. A virtualização é um dos principais vetores da criação de realidade”.⁽⁸⁾

Uma comunidade virtual pode ser constituída “por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos” e, apesar de seus membros não se encontrarem fisicamente, “essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades”.⁽⁹⁾ Assim, ainda segundo Lévy,

uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. (...) Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns 'realistas': ubiqüidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela. (...) A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, nem por isso, o virtual é imaginário. Ele produz efeitos.⁽¹⁰⁾

Todo efeito, todo acontecimento é efeito do virtual e só pode existir pressupondo o virtual. A virtualização é a “passagem à problemática”, é o “deslocamento do ser para a questão”. A virtualização “é sempre heterogênesse, devir outro, processo de acolhimento da alteridade”.⁽¹¹⁾

2. Partindo da problematização da filosofia, em um texto chamado *O Atual e o Virtual*, Gilles Deleuze nos ajuda a pensar esta noção fundamental do virtual. Sendo a filosofia uma “teoria das multiplicidades”, Deleuze afirma que “toda multiplicidade implica elementos atuais e elementos virtuais”.⁽¹²⁾

Não há objeto puramente atual. Todo atual rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais. Essa névoa eleva-se de circuitos coexistentes mais ou

menos extensos, sobre os quais se distribuem e correm as imagens virtuais. É assim que uma partícula atual emite e absorve virtuais mais ou menos próximos, de diferentes ordens. Eles são ditos virtuais à medida que sua emissão e absorção, sua criação e destruição acontecem num tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável, e à medida que essa brevidade os mantém, conseqüentemente, sob um princípio de incerteza ou de indeterminação. Todo atual rodeia-se de círculos sempre renovados de virtualidades, cada um deles emitindo um outro, e todos rodeando e reagindo sobre o atual...⁽¹³⁾

O atual, ele mesmo, não existe em si. Todo atual só existe em relação a um outro atual e a outro virtual. O atual se atualiza *em relação a...*, a começar pelo conceito com o qual pretendemos designar o atual e o real. Como diz Deleuze, “o atual e o virtual coexistem e entram num estreito circuito que nos reconduz constantemente de um a outro”.⁽¹⁴⁾

Há, pois, sempre *continuidade* entre o atual e o virtual, do passado para o presente, do presente para o futuro - e vice-versa. Um atual é sempre um virtual de um outro atual que ele atualiza. O feto é um atual da união amorosa. A união amorosa contém virtualmente o feto. O feto virtual que se atualiza em feto-acontecimento, ato é um bebe virtual. Este virtual bebê, quando se atualiza, torna-se, ele mesmo, uma criança virtual. O jovem é um adulto virtual e o adulto atual um velho virtual. De modo que uma criança é um velho virtual. E o velho, uma criança virtual. O virtual e o atual se atravessam na sua co-presença, separados por frações de tempo, um fio de cabelo, um lapso de memória.

Segundo Deleuze, “a relação do atual com o virtual constitui sempre um circuito, mas de duas maneiras: ora o atual remete a virtuais como a outras coisas em vastos circuitos, nos quais o virtual se atualiza; ora o atual remete ao virtual como a seu próprio virtual, nos menores circuitos nos quais o virtual cristaliza com o atual”.⁽¹⁵⁾ A vida é virtual em relação a morte. A morte virtual em relação à vida. A “teia da vida” é um constante movimento que se dá entre o virtual e o atual. Ela se dá mesmo nesse movimento.

Em suma, o mais importante é entender que o conceito de virtual aqui diz respeito antes a uma noção vital do real, da potência, da virtude, não sendo de modo algum alguma coisa irreal ou simplesmente “fantástica”.

Notas

- (1) LÉVY (1996).
- (2) Idem (p. 12).
- (3) Idem (p. 15).
- (4) Idem (p. 16).
- (5) Idem (p. 17).
- (6) Idem (p. 17/18).
- (7) Idem (p. 18).
- (8) Idem.
- (9) Idem (p. 20).
- (10) Idem (p. 21).
- (11) Idem (p. 25).
- (12) DELEUZE (1996, p. 49).
- (13) Idem.
- (14) Idem (p. 54).
- (15) Idem (p. 55).